

A TIMIDEZ NO PERFIL BIOGRÁFICO DE MANOEL DE BARROS

SHYNESS IN MANOEL DE BARROS' BIOGRAPHICAL PROFILE:

Gustavo Castro Silva 

Universidade de Brasília, Brasil

Guilherme Mazui 

Universidade de Brasília, Brasil

Resumo

Este estudo é parte de uma pesquisa biográfica em andamento sobre o poeta Manoel de Barros (1916-2014). A partir de coleta de matérias, reportagens e entrevistas na mídia impressa, elencamos de maneira cronológica relatos de sua timidez. Sem dúvida, a timidez foi uma das expressões de maior incidência nos textos coligidos. Nossa coleta alcançou 1.848 registros em 126 periódicos que, após leitura e análise, foram moderadas de modo qualitativo no presente estudo. Nossas conclusões mostram a necessidade de crítica às representações do poeta da mídia, assim como constata a dificuldade da imprensa e dos estudos biográficos em lidar com questões relacionadas aos afetos.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Imprensa; Perfil; Sujeito; Poesia.

Abstract

This study is part of an ongoing biographical research on the poet Manoel de Barros (1916-2014). From a collection of articles, reports and interviews in printed media, we chronologically list accounts of his shyness. Without a doubt, shyness was one of the most common expressions in the texts collected. Our collection has so far reached 1,848 records in 126 journals which, after reading and analysis, were qualitatively moderated in the present study. Our conclusions show the need for criticism of media representations of the poet, as well as the difficulty of the press and biographical studies in dealing with issues related to affections.

Keywords: Manoel de Barros; Press; Profile; Subject; Poetry.

Résumé

Cette étude s'inscrit dans le cadre d'une recherche biographique en cours sur le poète Manoel de Barros (1916-2014). À partir d'une collection d'articles, de reportages et d'entretiens dans la presse écrite, nous listons chronologiquement les rapports sur sa timidité. La timidité était sans aucun doute l'une des expressions les plus courantes dans les textes recueillis. Notre collection compte jusqu'à présent 1 848 enregistrements dans 126 revues qui, après lecture et analyse, ont été qualitativement modérées dans la présente étude. Nos conclusions montrent la nécessité d'une critique des représentations médiatiques du poète, ainsi que la difficulté de la presse et des études biographiques à aborder les questions liées aux affections.

Mot clés: Manoel de Barros; Presse; Profil; Sujet; Poésie.

Este artigo investiga aspectos da timidez e da fama no perfil biográfico de Manoel de Barros, a partir de suas entrevistas e textos de imprensa. A proposta é resultado de pesquisa em andamento que investiga a biografia do poeta entre 1916 e 2014 em arquivos públicos, privados, de imprensa, assim como por meio de entrevistas com parentes, amigos e estudiosos. Trata-se de pesquisa iniciada em 2020, que visa à produção de obra original, a partir de coletas de dados em Campo Grande, Corumbá, Rio Verde, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Nova Iorque.

Para este artigo, focamos na coleta de imprensa, acompanhada de abordagem descritiva e interpretativa. A metodologia apoiou-se na complexidade, em especial, em *O Método 3* (Morin, 2008), em que o filósofo propõe pensar a informação (*computo*), a comunicação (*cogito*) e o conhecimento (*complexus*), na perspectiva da religação dos saberes. A biografia só é possível mediante computação e cogitação de outros saberes (história, política, psicologia, jornalismo etc).

Para nos guiar na abordagem, escolhemos a noção de timidez de Cyrulnik (2012) e a de fama de Coelho (1999). Para Cyrulnik, embora necessária à redução da violência e ao desenvolvimento das aptidões relacionais, a timidez em excesso denuncia sensibilidade próxima à fobia e tendência à despersonalização. O medo ou pudor de falar em público e o receio do olhar dos outros inibe relacionamentos interpessoais, profissionais e amorosos. Nossa hipótese é que tal fobia acometia Barros, descrito na imprensa como recluso, um “caramujo” nas suas próprias palavras (Brambilla, 1986).

O artista, que morreu em 2014, aos 97 anos, publicou livro de estreia em 1937, *Poemas concebidos sem pecado*, mas só ganhou reconhecimento cinco décadas depois, em meados dos anos 1980. Ele atribuiu tal demora, em parte, à timidez, por precisar “muito do escuro” e por não ter “boa convivência com a glória” (Spitz, 1988).

Millôr Fernandes, Antônio Houaiss e Carlos Drummond de Andrade ajudaram a divulgar Barros para além da crítica especializada. Ao redescobrir o escritor, a imprensa explorou o perfil encaramujado do homem nascido em Cuiabá, criado no Pantanal, que viveu no Rio de Janeiro (RJ) por cerca de 30 anos, foi militante comunista, visitou Nova York e se radicou entre a fazenda em Corumbá e a casa em Campo Grande.

Iniciamos este artigo pela descrição da personagem, coleta de dados e reflexão sobre a biografia literária. Depois, a partir da noção de “fama”¹

¹ Aulere (1980, p. 1.541) a define em formas linguísticas e mitológicas. No conceitual, fama é atributo dado à pessoa “falada”, “noticiada”, “notória” ou “celebridade”. No modelo mitológico latino, é a “divindade alegórica representada por uma mulher tocando uma trombeta: a *Fama* apregoa as suas vitórias”.

como reputação e repercussão de opinião pública, concordamos com Maria Cláudia Coelho (1999, p. 14), que a identifica categoria “híbrida e capciosa, que percorre variados campos discursivos e resiste a descrições unívocas”. De “conotações ambíguas”, versão opaca da glória, confunde-se ora com honra, ora com reputação, sendo ao mesmo tempo um fenômeno “dinâmico, ambivalente, provocador, enigmático, complexo e prodigiosamente rico de significações culturais, políticas e psicológicas” (Coelho, 1999, p. 13).

Neste sentido, dividimos o artigo em “Pré-fama”, que compreende os anos 1920-1970; “A partir da fama”, os anos 1980-2020; “Fama e timidez a partir dos relatos do autor”; e fizemos apontamentos sobre a timidez em contraposição à notoriedade. Nossas conclusões apontam para um conjunto de problemas: a dificuldade da mídia impressa ao explorar o campo dos afetos; a dificuldade dos biógrafos em compreender como, em uma sociedade de contexto midiático de alta exposição, uma celebridade decide não se colocar como tal; por fim, como formar noção biográfica, a partir de um mosaico de micro perfis de imprensa, formado ao longo de décadas de matérias jornalísticas.

A Problematização da personagem

Entre os cuidados na investigação biográfica de figuras literárias, devemos atentar para não confundir imaginário e realidade, ou seja, a invenção presente na obra literária com os dados documentais obtidos por meio de pesquisa. Partimos da hipótese de que, na maioria das vezes, eles não coincidem. Para que seja uma biografia crível, crítica e objetiva, diz Alberca (2021), o biógrafo não pode se entregar acriticamente nem aos documentos, nem ao personagem. Ele também não deve desconsiderar os sentimentos envolvidos como proximidade, solidariedade e empatia, e precisa considerar seus afetos em relação ao biografado.

Na análise de Manoel de Barros, a timidez é um dos sentimentos mais descritos na coleta. De modo geral, o poeta que utilizou cenas do cotidiano, memórias da infância, paisagens do Pantanal e coisas e seres “desimportantes”. Foi tratado pela imprensa como “arredio, encaramujado, tímido, inacessível”, palavras que, segundo João Borges (1989, p. 12), “compõem a família de adjetivos que mais se usam em relação a Manoel de Barros”. Também coletamos outras definições: “Circunspecto como todo bom poeta” e “arredio às confrarias literárias” (Guizzo, 1979), “esquisito e envergonhado” e “esquivo e casmurro” (Lobato, 1990), “homem tímido e franzino” (Couto, 1993), autor que “buscou exílio no mundo dos bichos” (Gonçalves Filho, 1989).

As citações apareceram em nossa coleta a formar um inventário de 1.848 registros publicados entre as décadas de 1920 e 2020 em 126 jornais e

revistas – notícias, reportagens, entrevistas, notas, textos de opinião (colunas, resenhas, comentários, artigos) e fotografias. A coleta genérica de material teve início em 2020, sendo que a pesquisa em jornais começou em 2023, com a consulta à produção jornalística entre 1942 e 2002, catalogada por Walquíria Bêda (2002), e no acervo da Gleba Expositiva Manoel de Barros, com registros entre as décadas de 1940 e 2000, organizado por Marcelo Marinho, com material cedido por Martha Barros, filha do poeta. Em complementação, buscamos materiais deixados de fora dos levantamentos e localizamos novos materiais nos acervos dos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Valor Econômico*, *Zero Hora*, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, entre outros.

O esforço seguiu na direção de formar um inventário consistente do poeta apenas na mídia impressa. O material aponta que a imprensa se acostumou a apresentar Barros como homem insólito e exótico: “O poeta-andarilho do Pantanal” (Nogueira, 1987); “vidente” e “doce bárbaro” (Leia, 1987); “poeta com máscara do filósofo popular” (Grünewald, 1996); “poeta que queria ser árvore” (Freitas, 2010).

As descrições citam o autor que fez “do absurdo sensatez” (Castello, 1997), e que batizou livros com títulos que representavam criatividade e sensibilidade, a exemplo de *Gramática expositiva do chão* (1969), *Arranjos para assobio* (1982), *Livro de pré-coisas* (1985), *O livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996) e a trilogia *Memórias inventadas*, (2003, 2006 e 2008).

Acompanharam, tais visões, aquela de homem tímido e, a nosso ver, elas formam um mosaico composto de micro perfis que podem (e devem) ser revistos e reordenados, no sentido de formar uma imagem (Edel, 1990, p. 11). Na imprensa, Barros aparece como um artista tímido, visionário, sábio, recluso e exótico. A seguir, vamos tentar esmiuçar tais descrições. A intenção é a de apresentar uma síntese de nossa coleta, a partir de questões sobre a fama, a timidez e a biografia do poeta.

Pré-fama (1920-1970)

As descrições de Manoel de Barros como um sujeito tímido e com olhar poético são encontradas na imprensa desde o período “pré-fama”, antes dele ganhar visibilidade em jornais, na segunda metade dos anos 1980. De 1.848 registros do escritor em 126 jornais e revistas, entre as décadas de 1920 e 2020, somente 111 foram publicados até 1979. Em 1944, o diplomata Mário Calábria descreveu Barros no jornal *O Momento*, de Corumbá (MS), como um rapaz “triste”, “solitário”, “baixo”, que usava bigode e óculos de tartaruga, que “nasceu de poesia” e só se importava com o estado poético das coisas:

Menino rico, ele se veste mal e chega a ser displicente demais. Filho de família poderosa pelo dinheiro e pelas terras, ninguém se sente menos que ele e ninguém se vê mais estranho em todos os lugares. Alguns o têm como o doidinho da família, outros o desprezam pela sua geral inaptidão para coisas práticas (Calábria, 1944, s.p.).

As expressões “menino rico”, “displicente”, “doidinho da família” não podem ser desconsideradas. Elas começam a desenhar um perfil público que impacta na imagem do poeta. Em 1956, o jornal *Tribuna da Imprensa*, editado no Rio de Janeiro, publicou que Barros era “uma das mais *esquivas* figuras da geração de 45, mas uma das mais importantes” (grifo nosso). A qualidade da obra já era citada, a exemplo de nota do jornal carioca *A Manhã*, que registrou, em 1946, “a originalidade e força da sua poesia”.

A conquista do Prêmio Orlando Dantas por *Compêndio para uso dos pássaros*, anunciado em 1960 e com lançamento do livro em 1961, rendeu elogios na imprensa. Barros foi descrito como jovem fazendeiro formado em Direito, casado, três filhos, que fixou residência em Corumbá após a morte do pai e viu no prêmio “uma recompensa pelos trabalhos surdos do poeta” (*Diário de Notícias*, 1960). Jornais mato-grossenses também registraram a premiação ao “maior poeta de 1960” (*Folha da Tarde*, 1960) que vivia na Fazenda Santa Cruz, nos “confins de Nhecolândia” (*O Momento*, 1960).

A obra laureada foi exaltada por reunir poemas “de um homem voltado para sua terra natal em uma determinada mitologia infantil” (*Folha de S. Paulo*, 1960). O livro, o prêmio e a timidez reaparecem na imprensa em setembro de 1969. O *Jornal do Brasil* trouxe reportagem sobre autores premiados que enfrentavam dificuldades em publicar livros. Manoel, Nélida Piñon, André de Figueiredo e Rodrigues Marques foram os personagens da reportagem, que abriu o intertítulo “o tímido” para falar de Barros, que tinha o Orlando Dantas (1960) e o prêmio do Encontro Nacional de Escritores (1969).

Fazendeiro na cidade de Corumbá, em Mato Grosso, o poeta Manoel de Barros nunca pensou em ganhar nem ganhou dinheiro com a literatura. Antes de possuir a fazenda era advogado, ‘mas advogado frustrado, porque a profissão é totalmente incompatível com a minha pessoa’. Sua natureza tímida nunca lhe permitiu a convivência com os círculos literários do país e o afastou dos problemas vividos diariamente pela classe (Araújo, 1969, p. 7).

Em 1974, a *Folha da Tarde*, de Corumbá, grifou, em título, que “Manoel de Barros não administra a própria fama”, citando o crítico Lago Burnett, que considerava que o poeta permanecia “quase desconhecido”, por não saber “administrar a própria glória”. Burnett, no *Diário de Notícias*, recordou

o “espanto e perplexidade” pela vitória de Barros no prêmio do Encontro Nacional de Escritores, com *Gramática expositiva do chão*, e registrou que “apesar de refratário a promoções, Manoel de Barros não era um estreante”. Burnett escreveu a coluna devido a *Matéria de Poesia* (1974). O livro também foi elogiado no jornal *Crítica* por Ismael Cardim, que usou de epígrafe de trecho da obra, que expõe a visão de Barros e contribui para sua imagem exótica: “tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima serve para poesia”.

A partir da fama (1980-2020)

A partir dos anos 1980, aparece na mídia impressa a alegoria do caramujo para ilustrar a personalidade de Manoel de Barros. À época, com 70 anos e 50 de poesia, ele começou a ter a obra reconhecida por um número maior de críticos e leitores. O próprio poeta disse ser um “tremendo caramujo” ao se descrever em entrevista ao jornal *A Crítica*:

Da imprensa falada sou um escutador, da imprensa escrita sou um bom leitor, e da TV sou quase vidiota. Em jornais já escrevi, nunca falei na TV nem apareci no vídeo. Sou um tremendo caramujo (Brambilla, 1986, p. 10).

Molusco que habita o Pantanal, o caramujo aparece em 12 livros do poeta. O cineasta Joel Pizzini empregou a imagem do animal pequenino e silencioso, que percorre lentamente o chão carregando a própria concha, e na qual pode se esconder, para batizar o filme *Caramujo-flor* (1988), um ensaio visual da obra barriana. O curta teve repercussão na imprensa das filmagens à exibição em festivais no Brasil e no exterior.

Em 1987, Gualter Mathias Neto publicou, em *O Globo*, a reportagem “Caramujo do Pantanal”, na qual escreveu que o filme tirava “do anonimato” o poeta “com oito livros publicados e dois premiados, que permanece praticamente desconhecido até mesmo de especialistas”. *O Jornal do Brasil*, com Lina Albuquerque, noticiou o filme do “poeta septuagenário” que viveu “meio século de criação literária em virtual anonimato”, apesar de ser “considerado pela crítica como um dos maiores poetas em atividade no país”.

Junto à entrevista de Barros à revista espanhola *El Paseante* (1989), o filme contribuiu para garantir ao poeta mais espaço na mídia, fenômeno que ganhou tração nas décadas de 1990 e 2000, com os lançamentos de novos livros e a conquista de prêmios literários, entre quais Jabuti, Nestlé e da Academia Brasileira de Letras. Esse processo foi deflagrado pelos elogios de Houaiss e Drummond, somados à publicação de livros pela editora Civilização Brasileira e aos questionamentos de Millôr Fernandes à imprensa, acerca da pouca visibilidade do escritor (Andrade, 2017).

Eva Spitz frisou no *Jornal do Brasil*, em 1988, que Barros era do tipo “dos que precisam ser descobertos” por ser “bom administrador de seus bens e um discutível promotor de si mesmo”, já que era “profundamente tímido”. O reconhecimento tardio resultou em perfis, entrevistas, reportagens e resenhas que trouxeram descrições, causos e falas do próprio poeta sobre reclusão, manias e visão de mundo, além de menções que incluíram relatos mais aprofundados de timidez e talento poético. Os casos mais célebres narraram o vômito em uma audiência como advogado e o desmaio em uma rádio.

Manoel de Barros estudou para ser doutor. Fez direito na capital fluminense, mas, em sua primeira audiência como advogado, vomitou em cima do processo. A cena pode ilustrar a proverbial timidez do autor - certa vez, convidado para leitura em um programa de rádio, desmaiou antes de conseguir dizer uma única palavra -, mas também mostra como aquele mundo jurídico e sua retórica solene em tudo diferiam do caminho que Manoel escolheu para si. O jovem advogado se tornou o poeta das coisas miúdas e construiu uma obra na qual o desimportante importa. Por isso, seus livros estão cheios de lesmas, pedras, brejos, pregos enferrujados (Meireles, 2019, C3).

Em 1990, Eliane Lobato, em *O Globo*, citou o autor que não gostava de sessões de autógrafos e, segundo a filha, Martha, dava “boa tarde de noite e boa noite de manhã”. O caso do desmaio foi relembrado:

Manoel de Barros é considerado um homem esquisito. E não é porque ele bota ‘gravata em urubu’ ou ‘estrela em obra de borboleta’ em seus poemas. É porque ele se encaramuja de forma muito peculiar. Algumas lendas o cercam por causa disso. Uma delas conta que, há muitos anos, ele cedeu a um convite de Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto para recitar um poema num programa de rádio. O poeta ficou dias se preparando para enfrentar o microfone, mas quando chegou perto dele não aguentou: desmaiou e teve que ir para o hospital. (Lobato, 1990, p. 1).

Os jornais, apesar do destaque à reclusão, ponderaram que o poeta não era totalmente fechado, pois, “vencida a barreira da timidez e estabelecida a cumplicidade da afeição”, surgia uma “pessoa de fino humor, com tiradas espirituosas, falante, irreverente, um grande fazedor de frases” (Borges, 1989, p. 12). Outro aspecto da descrição de Barros contemplou o gosto por coisas “desimportantes” e andarilhos. Bernardo da Mata, inspirado em funcionário da fazenda e considerado *alter ego* do escritor, apareceu em matérias como exemplo de sabedoria.

O lado exótico de Barros motivou relatos sobre processo criativo. Nas matérias, há destaque para o pequeno escritório – onde lia, pesquisava em

dicionários e escrevia – o “lugar de ser inútil”, uma contraposição ao escritório que mantinha no centro de Campo Grande “para especular sobre gado”, o “lugar de ser útil” (Fucuta, 1990). O “lugar de ser inútil” reapareceu em 1996, no *Jornal do Brasil*, em texto sobre o autor “encaramujado”, que anotava frases de “bêbados” e de “crianças” e “observações sobre coisas inanimadas”, para criar “inutensílios”, como “alicate cremoso” e “sanfonas para tocar o erro”.

Barros ainda foi chamado de “meio santo, meio caracol, pantaneiro gentil e de alegria tímida” por Regina Zappa no *Jornal do Brasil* (1998, p. 1). Ele foi tratado como visionário, um homem que “enxerga beleza nas coisas mais singelas e transforma em palavras o que imagina” (Guimarães, 2014), um poeta que ensina “a enxergar o mundo de outra forma, a transver” (Soto, 20214).

Este conjunto de definições forma um mosaico do artista na imprensa no período da consolidação de sua fama. Além dessas representações e imaginários produzidos pela imprensa a seu respeito, também recolhemos falas do próprio Manoel sobre o tema. Elas não só reforçam a ideia de “caramujo”, como ampliam sua visão sobre fama e timidez.

Fama e timidez a partir de relatos do autor

A imagem de sujeito encaramujado e exótico foi alimentada pelo próprio Manoel de Barros em poemas e entrevistas. Muito material jornalístico foi publicado no formato de pingue-pongue e serviu de subsídio para perfis e microperfis. Uma das marcas do autor foi o hábito de preferir conceder entrevistas por escrito em vez de gravá-las pessoalmente ou por telefone. “Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas”, registrou Rui Nogueira em 1987, no *Correio Braziliense*. Apesar da preferência, ele deu entrevistas por telefone e gravou raríssimos especiais para TV, entre os quais a série documental *Paixão pela Palavra*, dirigida por Cláudio Savaget e exibida pelo *Canal Futura* em 2008.

Catalogamos 114 registros de Barros como entrevistado, com 44 entrevistas concedidas por escrito, 26 pessoalmente, sete por telefone e outras 37 sem informação a respeito. Nas respostas, o poeta apresentou-se como um “vagabundo profissional” (Domingos, 2014) e um “bugre civilizado” (Pen, 2004), que gosta “de ver o que não aparece” (Castello, 1996) e que considera o “cu de uma formiga mais importante do que uma usina nuclear” (Biram, 1994). Disse ser dois homens, um “biólogo” e outro “letral” (Brasil, 2009), acometido, aos 80 anos, de “infância” (Millen, 1998).

Perguntado em 1991 por Adélia Maria Lopes, da revista *Nicolau*, sobre o motivo da “fixação” em caramujos, o escritor observou que os caracóis são

“enrolados”, e que a espiral da concha “é um símbolo de eterna renovação”. Em autorrelatos, Barros destacou o “temperamento tímido, que é uma sengraceira demais” (*Bric-a-Brac*, 1989), admitiu ter “fobia por muita gente” (Mencarelli, 1990) e disse ser “invencível neste negócio de timidez” (Zappa, 1998).

Em 1997, Daniela Name registrou em *O Globo* que o escritor, ao receber o Prêmio Nestlé por *Livro sobre nada*, apanhou o diploma da atriz Marieta Severo e disse: “Estou extremamente nervoso, e vou pedir licença para nada dizer”. A José Castello, em 1997, ele afirmou se considerar “esquizofrênico” por causa da “timidez excessiva” combinada ao “narcisismo”, “sintomas bem claros disso”. Nessa entrevista, publicada em *O Estado de S. Paulo*, voltou a relatar os episódios de vômito e desmaio.

Imagine a cena: aquela mesa longa, o juiz postado na cabeceira, eu sentado diante dos autos. É minha vez de começar a falar. Então, antes de dizer a primeira palavra, eu me curvo sobre os documentos e vomito. [...] Um dia convidam-me para um programa especial na rádio em que os escritores brasileiros iam ler franceses. Eu deveria ler um poema de Aragon. O programa está no ar. É minha vez de ler. Mas, antes de dizer a primeira palavra, eu desmaio. (Castello, 1997, 1-3).

Este estado emocional o impedia de encarar e enfrentar o público e, segundo o próprio poeta, esse fato influiu no seu reconhecimento. A demora da fama foi creditada a si mesmo, à sua negligência e timidez. “A culpa é minha também, sabe? Eu sempre me escondi”, afirmou em 1990 a Eliane Lobato, de *O Globo*. “Eu publicava os livros e sumia para o Pantanal, me sentia desonrado porque não acontecia nada”, declarou a João Borges, em 1989, n’*O Estado de S. Paulo*. No mesmo ano, a Luis Turiba, no *Correio Braziliense*, ele disse estar “resolvido”, que não mais fugiria [da fama], porque desejava “ser amado através” da sua poesia. Mas, como se sabe, não cumpriu a promessa.

Desde o período anterior à fama, Barros deu força aos testemunhos que destacavam aspectos de tímido e exótico. Em 1979, a José Octavio Guizzo, na revista *Grifo*, disse achar que foi a sua “inaptidão para o diálogo que gerou o poeta”, por isso, a preferência por se expressar pela palavra escrita. Contou que, quando falava não funcionava sua capacidade de inventar: “Se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio”. O fato de conceder entrevistas por escrito, contudo, não o impediu de responder perguntas por telefone já no período da fama. Em 1991, foi entrevistado por Isabel Cristina Mauad, de *O Globo*, e protestou: “Não gosto de telefone. Se for complicado, não respondo, não gosto de entrevista falada”. E justificou:

Só gosto de dar entrevista por escrito porque elas têm o mesmo valor estético e o cuidado artístico de minhas poesias. Com você, falando assim, estou me

sentindo meio ao relento. [...] Hoje acho que a entrevista pode ser uma obra de arte, sempre será boa quando eu responder por escrito, porque assim ela se incorpora às minhas obras completas. Falada assim, não há o calor da palavra escrita, que me recolhe e agasalha (Mauad, 1991, p. 5).

Timidez, poesia e fama

O problema da timidez de Manoel de Barros deve ser pensado junto ao da fama. As citações coletadas, em nosso estudo, mostram certa incapacidade dos jornalistas em aprofundar temas ligados à sensibilidade e aos afetos. Esta incapacidade, contudo, não é um privilégio da imprensa. A própria academia não sabe lidar com o tema. Em bancos de dados digitais, são raros, ou mesmo inexistentes, estudos sobre poesia e timidez.

Encontramos uma exceção em Benjamin (2011, p. 31) que, ao fazer uma análise comparativa de dois poemas de Hölderlin, “Coragem de poeta” e “Timidez”, observa, de forma perspicaz, que a timidez para o autor alemão foi uma forma de dar “lugar à construção de um mito próprio”. Os poemas são duas versões de um mesmo. Benjamin observa que, na primeira versão, “Coragem de poeta”, Hölderlin abandona a submissão à cultura grega para assumir, em “Timidez”, uma forma poética capaz de se conectar ao tempo presente. Hölderlin faz um movimento afetivo que migra da “coragem” para a “timidez”, como opção ética.

Pode ser que a timidez de Barros, seu estilo quieto e reservado, fosse também uma atitude ética, forma de não-ser uma celebridade midiática a mais. A partir da lógica midiática, o silêncio e a recusa por visibilidade podem ter disparado o efeito contrário e ampliado o interesse pelo poeta, criando um valor-notícia (Traquina, 2008). Em nenhuma das matérias analisadas, encontramos retransmissão ou aspas de especialista sobre timidez. Por isso, convém ponderá-la, mesmo que brevemente.

A timidez é chamada por Cyrulnik (2012, p. 14-15) de “detrator interno”, o “veneno da vergonha” que impede o sujeito de falar e o faz atribuir muita importância ao olhar externo. Cain (2012, p. 4) coloca a timidez entre os traços de “personalidade de segunda classe” em uma sociedade que valoriza o “ideal da extroversão”. Nem todo introvertido é tímido, já que “timidez é o medo da desaprovação social e da humilhação, enquanto a introversão é a preferência por ambientes que não sejam estimulantes demais” (Cain, 2012, p. 12). Pelos relatos e autorrelatos, Barros combinou introversão e timidez.

Psiquiatra e estudioso da timidez, Cyrulnik (2012) afirma que o recolhimento e o silêncio se tornam um modo de legítima defesa. Ele aponta correlação entre poesia e timidez na percepção de que, enquanto a capacidade falante está bloqueada, a capacidade dizente, expressiva e poética, segue

desbloqueada. Nos casos clínicos analisados, segundo o autor, o tímido encontra sua fala nos pequenos grupos, na igreja, no laboratório, nas artes plásticas, na escritura, no ensaio, na literatura e no poema.

Assim como a questão da timidez é permeada de matizes, o problema da fama, honra, glória e reputação, apresentam-se como “quatro formas de construção do renome, da imagem de si para os outros” (Coelho, 1999, p. 23). Esta observação nos ajuda a pensar em Barros. No caso da construção da “imagem de si para os outros”, que passa pelas ideias análogas de “prestígio, dignidade”, o escritor praticou uma estratégia ambígua e um tanto dissimulada de visibilidade. Com a aquisição da fama, vimos seu método: entrevistas por escrito e raras aparições no vídeo, em programas de rádio e eventos literários ou acadêmicos. Como ele não proibia o trabalho dos fotógrafos, está claro que não se opunha em divulgar sua imagem. O que se nota é a tentativa do poeta de ter o máximo controle narrativo sobre si.

Barros opera dentro daquilo que Coelho (1999, p. 24), chama de “formas de construção do renome”, um “ênfoque sincrônico-estrutural” que procura perceber permanências temporais dentro de conceitos operadores. Em sua antropologia das emoções, a pesquisadora trabalha com a hipótese de que as disciplinas têm molas propulsoras afetivas. A nostalgia seria a mola afetiva da Antropologia, o pessimismo seria a emoção regente da Sociologia.

Coelho (1999) aponta a fama como uma das emoções predominantes da comunicação de massa. Embora as emoções não costumem ser bem-vindas nas Ciências Sociais, elas estão na base da produção de conhecimento, são maneiras de entender a pesquisa e o conhecimento da experiência do outro. Para a autora, o que o pesquisador sente, pode ser instrumentalizado em conhecimento. Ela cita, em suas reflexões, Wolfgang Iepenies (1996), que utilizou o campo biográfico para verificar suas teses e demonstrou como as emoções estavam contidas secretamente da produção de conhecimento. Ao analisar Iepenies, Coelho (1999) entende que o cientista social deve recolocar em xeque as formas discursivas utilizadas ao problematizar razão e afeto. Em geral, vistas a partir de sua relação de oposição, os dois autores propõem que razão e afeto devem ser entendidos sob nova perspectiva: a da articulação. Ou seja, para eles, as emoções são motivações para pensar.

No prefácio de *A experiência da fama*, Luiz Eduardo Soares (1999, p.14) observou que o pudor costuma impedir a fala pública: “Nas sociedades industriais contemporâneas não é preciso explicar a ninguém o que é fama, mas a palavra escapa sempre de definições conclusivas, do tipo: ser conhecido por muitos”. Para o autor, a fama “parece circunscrever as esferas em que celebridades são produzidas no interior do circuito específico da indústria cultural”. Tal observação, acerca do pudor em relação à esfera pública e midiática, serve para pensar a postura adotada por Barros ao longo de sua vida.

Concluindo, podemos dizer que resulta difícil ou mesmo impossível colar à imagem de Manoel de Barros, a ideia de celebridade. Relatado pela imprensa como um poeta que “não administra a própria fama”, os micros perfis que denominaram o poeta como “caramujo”, “recluso”, “esquivo e casmurro”, elegem apenas uma parte, e de compreensão parcial, de um mosaico maior, ao qual devem ser incorporados perfis mais complexos. Sem dúvida, tal visão parcial do poeta pode e deve ser ponderada em sua(s) biografia(s) futura(s).

Enquanto podemos associar a noção de fama e notoriedade ao poeta do Pantanal, devido aos prêmios literários e seu amplo reconhecimento público, dificilmente podemos atribuir-lhe a imagem de estrela midiática. Recusando-se a dar entrevistas em TVs e rádios, priorizando a mídia impressa para se expressar, sem apelar a colegas jornalistas, ao marketing pessoal, nem participar de festas literárias, recitais, lançamentos, cafés e chás sociais, o poeta preferiu a discrição. Ainda assim, obteve grande visibilidade.

Considerando que certas abordagens biográficas no campo midiático parecem rendidas a uma visão de promoção de si, em que as redes sociais se tornam parte da equação do sucesso, o caso de Barros é, no mínimo, curioso. O discurso corrente acerca da produção de perfis jornalísticos favorece e estimula a extroversão, da mesma forma em que a mídia parece não ter espaço para os tímidos, porém, o poeta agiu contra tal tendência e, em certo sentido, teve aversão à publicização.

Se, por um lado, Barros foi pessoalmente afetado pela exposição pública e midiática, não tendo escolha e fortaleza emocional devido a seus mal-estares, por outro, a timidez o mobilizou a ficar à margem, se colocando permanentemente nas bordas. Para ele, sua biografia não importava, conforme relatou por escrito à filha, Martha Barros, em entrevista publicada pelo *Correio Braziliense*, em reportagem de Rui Nogueira (1987): “Minha vida você conhece, não tem episódios edificantes e nem heroicos, nada mencionável nem por anedota”. O que interessava era a obra. Tendo afirmado isso seguidas vezes, retirava de si a importância midiática.

Em depoimento para esta pesquisa, a jornalista Anna Accyoli, amiga do escritor e que o entrevistou para diferentes veículos de comunicação, observou que Barros vivia uma contradição permanente na relação com a fama: ao passo que queria ficar famoso por seus livros e versos, não se interessava e até mesmo se recusava a aparecer em público. Querendo ou não, no final das contas, disse ela, ele conseguiu as duas coisas.

Referências:

- ALBERCA, Manuel. *Maestras de vida* – Biografias y bioficciones. Málaga: Editorial Pálido Fuego, 2021, 596 p.
- ARAÚJO, Paulo César de. Prêmio literário não tem valor para editoras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. 20 set., 1969, Suplemento do Livro, p. 7.
- BARROS, André Luiz. ‘O tema da minha poesia sou eu mesmo’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago., 1996. Ideias, p. 5.
- BARROS, André Luiz. Inutilidades ‘impoéticas’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 mai., 1996. Ideias, p. 5.
- BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921); organização Jeanne Marie Gagnebin. Trad. de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011, 176 p.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo. Leya, 2010, 493 p.
- BÉDA, Walquíria Gonçalves. “O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou ‘Me encontrei no azul de sua tarde’”. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2002.
- BIRAM, Tagore. O desconsertador de linguagens. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 set., 1994. Cultura, p. 8-9.
- BORGES, João. A lírica concisa que vem do Pantanal. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar., 1989. Caderno 2, p. 12.
- BORGES, João; TURIBA; Luis. “Manoel de Barros”. *Bric-a-Brac*, Brasília, 1989. p. 34-49.
- BRAMBILLA, Márcia. Manoel de Barros: sou um tremendo Caramujo. *A Crítica*, Campo Grande, 1º nov, 1986. *Jornal Moda Guaicurus*, p. 10-11.
- BURNETT, Lago. Um poeta a favor e não contra o público. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 jun., 1974. Economia & Finanças, p. 5.
- CALÁBRIA, Mario. Poeta em Mato Grosso. *O Momento*, Corumbá, 1944.
- CARDIM, Ismael. Um poeta em Mato Grosso. *Crítica*, Rio de Janeiro, 2 set. de 1974, p. 15.
- CASTELLO, José. Manoel de Barros busca o sentido da vida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago., 1996. (Caderno 2, D12).
- CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 out., 1997. (Caderno 2), p. 1-3.

- COELHO, Maria Cláudia. *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, 146 p.
- COUTO, José Geraldo. Manoel de Barros busca na ignorância a fonte da poesia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov.,1993. Mais!, p. 8-9.
- COSTA, Thais. O universo de Manoel, segundo Joel. *Diário da Serra*, Vivarte. Campo Grande, 5 mai.,1987, p. 16.
- CYRUNILK, Boris. *Dizer é morrer – a vergonha*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012, 202 p.
- DOMINGOS, João. Palavras desconstruídas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov., 2014. Caderno 2, p. C6.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015, 438 p.
- DR. MANOEL de Barros laureado o maior poeta de 1960. *Folha da Tarde*: Corumbá, 26 jul., 1960.
- FREITAS, Guilherme. O poeta que queria ser árvore. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 abr., 2010. Segundo Caderno, p. 1.
- FUCUTA, Brenda. O poeta expõe sua obra em paredes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de mai., 1990, Caderno 2, p. 3.
- GONÇALVES FILHO, Antônio. Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 abr., 1989. Letras, G-3.
- GRÜNEWALD, José Lino. Poeta com máscara de filósofo popular. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de set. de 1996. Prosa & Verso, p. 4.
- GUIMARÃES, Cleo. Imagens da liberdade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 2014. Segundo Caderno, p. 3.
- GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros: sobreviver pela palavra. *Grifo*, Campo Grande, maio de 1979, p. 50-53.
- HOJE nas letras. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1956, p. 3
- LAUREADO o poeta Manoel de Barros – telegramas de felicitações que surpreendem o laureado em sua fazenda. *O Momento*: Corumbá, 26 jul., 1960, p. 1.
- LOBATO, Eliane. Poeta de pés no chão. *O Globo*: Rio de Janeiro, 14 jun., 1990. Segundo Caderno, p. 1.
- LOPES, Adélia Maria. Manoel de Barros, concerto a céu aberto para solo de poeta. *Revista Nicolau*: Curitiba, 1991, p. 4-6.

- MANOEL de Barros. *A Manhã*: Rio de Janeiro, 28 de marc. De 1946, p. 2.
- MANOEL de Barros. *Leia*, jun., 1987, p. 18.
- MANOEL de Barros não administra a própria glória. *Folha da Tarde*, Corumbá, 18 de set. de 1974.
- MANUEL de Barros. *Leia*, 18 jun., 1987, p. 18-20.
- MARINHO, Marcelo. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Campos Grande: UCDB., 2002, 112 p.
- MAUAD, Isabel Cristina. Poeta busca estética do ordinário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 dez., 1991. Livros, p. 5.
- MEIRELES, Maurício. Exposição dissecar poesia de Manoel de Barros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 fev., 2019. Ilustrada, p. C3.
- MILLEN, Mânia. Um poeta em plena infância. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 nov., 1998. Prosa & Verso, p. 6.
- MORIN, Edgar. *O método 3 – conhecimento do conhecimento*. Trad. de Juremir Machado a Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, 286 p.
- NAME, Daniela. Manoel de Barros diz ‘nada’ e Cony faz entrevista na entrega do Prêmio Nestlé. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 jun., 1997. Segundo Caderno, p. 2.
- NETO, Gualter Mathias. Caramujo do Pantanal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 jul.;1987. Segundo Caderno, p. 6.
- NOGUEIRA, Rui. O poeta-andarilho do Pantanal. *Correio Braziliense*, Brasília, 5 jul.,1987. Aparte, p. 6-7.
- O GRANDE poeta das pequenas coisas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14/11/2014. Segundo Caderno, p. 1.
- PEN, Marcelo. Retrato do artista quando coisa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov., 2004. Ilustrada, E4.
- Prêmio Orlando Dantas de Poesia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de agosto de 1960. Ilustrada, 1960, p. 4.
- PRÊMIO Orlando Dantas é recompensa para o poeta. *Diário de Notícias*: Rio de Janeiro, 8 de set. de 1960. Primeira seção, p. 2.
- PRÊMIO Orlando Dantas para poeta do M. Grosso. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 jul., 1960, p. 1.
- SPITZ, Eva. O poeta que poucos conhecem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 dez. de 1988. Caderno B, p. 1.

- SOTO, Pascoal. O menino que carregava água na peneira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov., 2014. Prosa, p. 4.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa e transnacional*. Florianópolis: Insular, 2008.
- TURIBA, Luis. Manoel de Barros, o poeta vai sair do limbo. *Correio Braziliense*, Brasília, 26 mar., 1989. Caderno Dois, p. 4.
- VASSALO, Márcio. Nada é tão poético quanto a inutilidade. *Lector*, Rio de Janeiro, 1996, p. 8-9.
- ZAPPA, Regina. Coisas do pantaneiro gentil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1998. Caderno B, p. 1.

Gustavo Castro Silva. Bolsista de Produtividade de Pesquisa (CNPq). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPF-FAC) e Literatura (POSLIT), da Universidade de Brasília (UnB). Fundador e editor da revista *Esferas* (A4) desde 2012, e editor da revista *E-Compós* (A1), entre 2024-2026. Desenvolve na atualidade (2025-27) a pesquisa “Biografia de Edgar Morin no IMEC/Caen” (CY Cergy Paris Université) e, também, o projeto internacional “Biografias e Escritas de Si: Memória, Poéticas do Eu e Arquivo nas Relações Brasil-França”. É membro-fundador da Rede Brasileira de Pesquisas em Edgar Morin. É autor da biografia da poeta Orides Fontela, *O Enigma Orídes* (Ed. Hedra, 2015, 2026), e das biografias de João Guimarães Rosa (Prelo, Cia das Letras, 2026) e de Manoel de Barros (Prelo, Hedra, 2026).

E-mail: gustavocastroesilva@gmail.com

Guilherme Mazui. Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Formado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2009). Concluiu pós-graduação em História, Sociedade e Cidadania (UniCEUB) e MBA em Estratégias de Comunicação Aplicada (FGV). É autor dos livros *Corinthians do Ary Vidal e 7 mil dias - A volta de Santa Cruz do Sul à elite do basquete*. Trabalhou por 20 anos como repórter - *Gazeta do Sul*, *Zero Hora* e *g1*. Estudante vinculado ao diretório de pesquisa do CNPq no grupo de estudo e pesquisa Biocom - Comunicação e Estudos Biográficos.

E-mail: guilhermemazui@gmail.com

Declaração de Autoria

Gustavo Castro Silva e Guilherme Mazui, declarados autores, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Conceição do projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 18/08/2025

Aceito em: 17/03/2026